

## Dois paradigmas ontológicos do livro eletrônico

André Carlos Moraes - UFRGS  
andrecmoraes@uol.com.br

### Resumo

Com base em revisão de bibliografia, propõe-se que é possível identificar dois paradigmas divergentes a respeito do livro eletrônico. Um deles parte do pressuposto de que o livro eletrônico é uma evolução do livro impresso. O outro utiliza análise histórico-social e pode ser utilizado para compreender o livro eletrônico como uma extensão do aparato conceitual do livro impresso. Estes pontos de vista, que não são necessariamente compatíveis, não são os únicos encontrados na bibliografia teórica sobre o assunto mas concentram uma quantidade significativa de autores.

**Palavras-chave:** livro eletrônico, livro digital, e-book

### Abstract

Based on bibliographical reviewing, this paper offers the proposition that it is possible to identify two different paradigms about e-books. One of them understands e-books as an evolution from printed books. The other employs historical and social analysis to understand e-book as an extension of the printed book conceptual apparatus. These points of view, not necessarily compatible, are not the only ones that are found among the theories in the bibliography, but aggregate a good amount of authors.

**Key words:** electronic book, digital book, e-book

## Introdução

Os livros eletrônicos têm chamado a atenção nos meios de comunicação e nos círculos profissionais, suscitando também um debate acadêmico que já dura vários anos. Uma formulação possível para algumas das questões envolvidas é esta do historiador do livro Robert Darnton:

What common ground exists between old books and e-books? What mutual advantages link libraries with the Internet? Those questions may sound empty in the abstract, but they take concrete form in decisions made every day by players in the communication industry – webmasters, computer engineers, financiers, lawyers, publishers, librarians, and a great many ordinary readers.<sup>1</sup> (DARNTON, 2009, p.vii)

É dentro deste grupo de indagações teóricas com forte reflexo empírico que o tema deste artigo se encaixa. Através de revisão de bibliografia, propõe-se que é possível identificar, no debate acadêmico sobre o livro eletrônico, dois grandes entendimentos ou paradigmas ontológicos. Pelos motivos mencionados mais adiante, procura-se também demonstrar que ambos não são totalmente compatíveis ou que, ao menos, em certos casos são tratados pelos autores em regime de exclusão mútua.

Mas antes de abordar o assunto principal é útil mencionar que este artigo não parte de uma definição em termos absolutos do objeto empírico envolvido, a saber o livro eletrônico, também chamado de e-book e livro digital, entre outros referentes. A esse propósito da multiplicidade de nomenclaturas, o português José Afonso Furtado comenta que há um “verdadeiro flou lexical em torno de uma panóplia de termos muitas vezes usados indistintamente: edição on-line, edição digital, documento eletrônico ou digital, livro eletrônico, livro digital, livro virtual, e-book, livro desmaterializado” (FURTADO, 2006, p.42). Furtado acrescenta que a esta diversidade de nomenclaturas corresponde um “flou semântico”:

O conceito tem sido discutido de modo impreciso, numa série de contextos em que se sublinha, por um lado, o conteúdo digital ou digitalizado e, por outro, as características do médium em que ele é apresentado. E, assim, o entendimento do que é um e-book vai desde um simples arquivo digital acompanhado pelo software que possibilita o acesso e a navegação do conteúdo. Outros referem-se ao e-book a partir do outro lado do espectro, fazendo referência apenas ao novo hardware que irá conter os arquivos eletrônicos de livros. (FURTADO, 2006, p.44)

Embora não proponha nem defenda um entendimento específico sobre livro eletrônico, este artigo analisa, justamente, uma das bases sobre as quais se assenta

1 “Que terreno em comum existe entre os livros antigos e os livros eletrônicos? Que vantagens mútuas ligam as bibliotecas com a Internet? Estas questões podem parecer vazias num resumo, mas tomam forma concreta nas decisões feitas todos os dias por integrantes da indústria de comunicações – web-masters, engenheiros de computação, economistas, advogados, editores, bibliotecários e uma boa porção de leitores comuns” (tradução livre)

a multiplicidade de conceitos mencionada por Furtado. Não apenas a morfologia do objeto físico ou virtual representado pelo livro eletrônico suscita diferentes entendimentos. Num nível mais básico de abordagem, a própria dimensão ontológica do fenômeno do e-book comporta paradigmas diferentes, como se procura demonstrar a seguir.

## O paradigma evolutivo

O primeiro dos paradigmas identificáveis na bibliografia sobre livro eletrônico pode ser considerado o mais intuitivo, sendo mais frequente entre autores de áreas não ligadas diretamente ao livro, ou que não estejam enfocando diretamente esta área. Observe-se esta citação da pesquisadora brasileira Lucia Santaella. “O livro não desapareceu com a explosão do jornal, nem deverão ambos – livro e jornal – desaparecer com o surgimento das redes teleinformáticas. Poderão, no máximo, mudar de suporte, tal como o livro já saltou do couro para o papiro e deste para o papel”. (SANTAELLA, 2007 p. 129)

Embora não desenvolva o tema da mudança de suporte no trecho em questão, Santaella expressa de forma simples e direta a ideia de que o livro já existiu em forma de papiro, depois em papel e, no futuro, poderia vir a existir em forma eletrônica. Este raciocínio básico entende o livro eletrônico como uma nova manifestação do livro. As primeiras sínteses sobre os debates acadêmicos em torno do e-book apontavam a ten-dência deste paradigma de utilizar a metáfora da “desencarnação”, como aponta Paul Duguid: “The book, no longer its incarnation, has been reduced to the incarceration of the word .”<sup>2</sup> (DUGUID, 1996, p. 75). Em outras variações este argumento ganha o con-torno de um discurso com viés evolucionista. O trecho abaixo é do autor norte-americano Jeff Gomez, no livro *Print is Dead*:

Because books have been this way for so long, the industry is unable to envision anything different from what currently exists. Yet it's clear to see that the evolutionary stage for books will be much the same as for music: its final format will not physically exist. Instead, the majority of printed words will evolve into electronic files that will be distributed, bought, sold, and consumed on digital devices.<sup>3</sup> (GOMEZ, 2008, p. 16)

O viés evolucionista pode ganhar, no caso de autores de áreas técnicas, uma retórica tecnológica. É o caso de alguns dos primeiros autores que falaram em livros digitais, ao longo da última década do século XX. Em 1999, o norte-americano Ray

2 “O livro, não mais sua encarnação, foi reduzido ao encarceramento da palavra” (tradução livre).

3 “Porque os livros têm sido deste jeito por tanto tempo, a indústria é incapaz de imaginar qualquer coisa diferente do que existe atualmente. Entretanto, fica claro que o estágio evolucionário para os livros vai ser muito como o da música: seu formato final não existirá fisicamente. No lugar disso, a maioria das palavras impressas vai evoluir para arquivos eletrônicos que serão distribuídos, comprados, vendidos e consumidos em dispositivos digitais” (tradução livre).

Kurzweil usava o livro impresso para exemplificar sua teoria sobre evoluções tecnológicas:

Another example is the print book, a rather mature technology today. It is now in the stage of the pretenders, with the software-based “virtual” book as the pretender. Lacking the resolution, contrast, lack of flicker, and other visual qualities of paper and ink, the current generation of virtual book does not have the capability of displacing paper-based publications. Yet this victory of the paper-based book will be short-lived as future generations of computer displays succeed in providing a fully satisfactory alternative to paper.<sup>4</sup> (KURZWEIL, 1999, p. 20)

Em 1995, antes ainda de Kurzweil, Nicholas Negroponte fazia observação similar a respeito do livro impresso:

Uma editora trabalha no ramo da transmissão de informações (bits) ou no da confecção de livros (átomos)? Historicamente, ambas as alternativas estão corretas, mas isso vai mudar rapidamente, à medida que as ferramentas da informação forem se tornando mais ubíquas e mais fáceis de utilizar. No presente momento é difícil, mas não impossível, competir com as qualidades do livro impresso. (NEGROPONTE, 1995, p. 18)

Uma crítica recorrente a esta abordagem em particular consiste em apontar sua tendência ao determinismo tecnológico. Alguns autores questionam a própria natureza do livro eletrônico a partir deste argumento, como o crítico norte-americano Sven Birkerts: “Are our myriad technological innovations to be seen as responses to collective needs and desires, or are they simply logical developments in the inexorable evolution of technology itself?”<sup>5</sup> (BIRKERTS, 2006, p. 154)

Críticos deste paradigma também apontam sua tendência a simplificar o processo cultural e, através da análise tecnológica, incorrer no argumento da sucessão<sup>6</sup>, segundo o qual um meio tecnológico eventualmente substituiria o seu precedente. Umberto Eco critica esta tendência fazendo uma analogia com a expressão “Ceci tuera cela”, utilizada por um personagem de Victor Hugo para afirmar que o livro impresso substituiria as catedrais medievais (ECO, 1996, p. 295).

## O paradigma histórico-cultural

Outro paradigma ontológico para o livro digital pode não ser inteiramente com-

4 “Outro exemplo é o livro impresso, uma tecnologia bastante madura nos dias atuais. Está agora no estágio dos pretendentes, com o livro “virtual” baseado em software como o pretendente. Sem possuir a resolução, contraste, ausência de flicker e outras qualidades do papel e tinta, a corrente geração de livros virtuais não tem a capacidade de substituir as publicações à base de papel. Entretanto esta vitória do livro de papel terá vida curta, quando futuras gerações de telas de computador obtiverem sucesso em prover uma alternativa satisfatória ao papel” (tradução livre)

5 “Nossa miríade de inovações tecnológicas deve ser vista como resposta a desejos e necessidades coletivas, ou é simplesmente o desenvolvimento lógico na evolução inexorável da própria tecnologia?” (Tradução livre).

6 DUGUID (1996, p.77) utiliza o termo “*supersession*” para este argumento.

patível com o anterior. Trata-se da categoria que José Afonso Furtado agrupa sob o termo de “cluster conceitual” da “cultura do livro”, descrito por ele como uma “família de conotações associadas a expressões como livro impresso, tradição tipográfica ou guten-berguiana, textualidade, linearidade, abstração, raciocínio dedutivo, monomodalidade, contexto fechado”. (FURTADO, 2006, p. 59)

À primeira vista este paradigma poderia ser considerado apenas um refinamento do anterior, já que em geral os autores que aderem a ele costumam também manifestar preocupação com as questões tecnológicas, reconhecendo a importância das transformações advindas do livro eletrônico. Uma das referências neste entendimento é o francês Roger Chartier, que diz o seguinte: “A revolução do nosso presente é mais importante do que a de Gutenberg. Ela não somente modifica a técnica de reprodução do texto, mas também as estruturas e as próprias formas do suporte que o comunica aos seus leitores”. (CHARTIER, 1998, p. 97)

Mas, afora esta semelhança na abordagem que reconhece uma revolução tecnológica, a grande diferença para o paradigma anterior é que autores mais identificados com este grupo centram sua atenção não na morfologia técnica dos objetos de estudo (o livro impresso e o livro eletrônico), mas nos processos históricos e sociais que os constituíram. Em um artigo em que emprega vários conceitos de Chartier, Carla Hesse faz a seguinte síntese:

(...) despite the technocratic bias of much of this research, the historical record makes unquestionably clear that the most distinctive features of what we have come to refer as “print culture” – that is, the stabilization of written culture into a canon of authored texts, the notion of the author as creator, the book as property, and the reader as an elective public – were not inevitable historical consequences of the invention of printing during the Renaissance, but, rather, the cumulative result of particular social and political choices made by given societies at given moments.<sup>7</sup> (HESSE, 1996, p. 21)

Ainda assim, não é por si só esta prevalência da análise histórico-cultural que tornaria este paradigma incompatível com o anterior. Também derivando suas observações dos conceitos de Roger Chartier, Patrick Bazin diz o seguinte: “The book thus derives its specific efficacy not so much from being a text but rather as a node of physical, economic, and legal forces that differentiate and diffuse the effect of the text.”<sup>8</sup> (BAZIN, 1996, p. 158)

Esta observação, que é uma decorrência do modelo que Roger Chartier define em seu *A Ordem dos Livros*, faz menção à fisicalidade do impresso como um con-

7 “(...) apesar do viés tecnocrático de muita desta pesquisa, o registro histórico torna inquestionavelmente claro que as mais marcantes características do que chamamos ‘cultura impressa’ – ou seja, a estabilização da cultura escrita em um cânon de textos autorais, a noção do autor como criador, o livro como propriedade e o leitor como público eletivo – não foram consequências históricas inevitáveis da invenção da imprensa durante a Renascença, mas, antes, o resultado cumulativo de escolhas sociais e políticas particulares feitas por determinadas sociedades em determinados momentos” (tradução livre),

8 “O livro então deriva sua eficácia específica não tanto de ser um texto mas principalmente como nódulo de forças físicas, econômicas e legais que diferenciam e difundem o efeito do texto” (tradução livre).

centrador de atividade econômica, legal e mesmo política. A formulação original de Chartier é sintetizada neste parágrafo:

Contra a representação elaborada pela própria literatura e retomada pela mais quantitativa das histórias do livro – segundo a qual o texto existe em si mesmo, isolado de toda a materialidade – deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge seu leitor. Daí a distinção necessária entre dois conjuntos de dispositivos: os que destacam estratégias textuais e intenções do autor, e os que resultam de decisões de editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras. (CHARTIER, 1995, p. 17)

A partir destas formulações de Chartier e dos outros teóricos ligados ao paradigma histórico-cultural do livro, é possível derivar algumas proposições. Uma delas é que este entendimento, ao enfatizar a importância dos fatores editoriais e físicos ligados ao desenvolvimento do produto que constitui o livro, naturalmente assume algum tipo de perenidade destas condições mesmo em face das transformações morfológicas trazidas pelo livro eletrônico. Neste sentido, o e-book seria visto como uma reaplicação dos conceitos ligados à indústria gráfica no contexto dos meios eletrônicos. Este conceito, conforme o autor que se tome por referência, pode ser considerado ou como uma realidade ou como uma proposição.

Books, the centuries-old foundation of textuality, can now be seen as overshadowed by a metatextuality that extends progressively to the whole complex of modes of representing the world, to all the different media, while continuing, nevertheless, to function as a referent. It is for this reason that the difficulty of perfecting and framing the methods for leafing through “pages” on screen witnesses both an effort to reconfirm the book as a nonbook, and at the same time the book’s permanence.<sup>9</sup> (BAZIN, 1996, p. 153)

Embora a perspectiva de Bazin tenha sido esboçada em uma coletânea de ensaios datada de 1996, as observações sobre a tentativa de refazer o livro como “não-livro” poderiam ainda ser consideradas válidas mesmo à luz das tecnologias atuais. Dispositivos leitores que ainda não existiam 15 anos atrás, como o Kindle, Sony Reader e Nook, costumam empregar justamente o recurso visual da organização por páginas herdado dos livros impressos. Não por acaso, talvez, dois dos equipamentos desta espécie, o Kindle e o Nook, foram criados e são vendidos por livrarias, respectivamente as norte-americanas Amazon e Barnes & Noble.

A partir destas derivações, pode-se fundamentar qual o ponto de ruptura entre o paradigma do livro eletrônico como evolução do livro impresso e o paradigma da dependência histórico-cultural do livro eletrônico em relação ao impresso. Se for en-

9 “Livros, a fundação desde séculos da textualidade, podem agora ser vistos como obscurecidos por uma metatextualidade que se estende progressivamente para todo o complexo de modos de representar o mundo, para as diferentes mídias, enquanto que continuando, mesmo assim, a funcionar como referentes. É por essa razão que a dificuldade de aperfeiçoar e enquadrar os métodos para folhear através de ‘páginas’ na tela testemunha tanto o esforço para reconformar o livro como não-livro quanto, ao mesmo tempo, a permanência do livro” (tradução livre).

tendido como dependente (ainda que no nível da intenção, do ponto de vista dos distribuidores ou agentes ligados ao livro) do aparato conceitual herdado do livro impresso, o livro eletrônico não se torna uma entidade com existência própria que justifique a afirmação com viés evolutivo ou de sucessão. Isto não significa dizer que o livro digital não tem futuro, ou ignorar aquilo que alguns autores classificam como a recessão do domínio do livro impresso em face das mídias eletrônicas. Mas poderia significar que o termo “livro”, quando aplicado ao texto eletrônico, passaria a ser tanto menos significativo quanto mais se distanciar do universo conceitual do livro impresso ao qual está originalmente vinculado. Nesta proposição que é uma das derivações possíveis do paradigma histórico-cultural, um texto eletrônico só ganharia a condição de livro após a legitimação através de alguma das estruturas herdadas da era do impresso.

Esta proposição pode ser encontrada, sob diferentes formulações, nas reflexões de mais de um autor ligado ao paradigma histórico-cultural. José Afonso Furtado resume as proposições de Roger Chartier a respeito no parágrafo abaixo:

Chartier acrescenta então que essa oposição essencial entre um mundo de descontinuidade material que remete, por um lado, “para diferenças textuais ou a pluralidade de uso” e, por outro, para um “continuum de textos distribuído e apresentado num só objeto e que confere a esses textos formas semelhantes”, tem consequências muito profundas e que, pelo menos temporariamente, “substituem a antiga ordem dos discursos por aquilo a que se poderia chamar uma desordem dos discursos”. (FURTADO, 2006, p. 145)

Autores centrados em compreender o fenômeno do livro impresso e do livro eletrônico na perspectiva histórico-cultural também podem formular em termos bastante explícitos sua discordância com o paradigma evolutivo. Em *The Late Age of Print*, de 2009, uma obra recente dedicada à indústria do livro em face das transformações das novas mídias, o norte-americano Ted Striphas escreve o seguinte:

Certain interested parties even go so far as to suggest that the era of printed books is nearing its end. They justify their claims by suggesting that these items may exist in the present day, yet for all practical purposes they're not of the present day. It's time to move on, they say. These false prophets fail to acknowledge how this strange temporal condition is hardly unique to our own time. In fact, it's one of the most enduring attributes of printed books in history.<sup>10</sup> (STRIPHAS, 2009, p. X)

Tanto através de derivações contidas no corpo da própria teoria quanto em formulações críticas dos próprios autores, pode-se observar como seria possível sustentar uma incompatibilidade fundamental entre aspectos daquilo que aqui se optou por chamar de o paradigma evolutivo e o paradigma histórico-cultural do livro eletrônico. Trata-se, sob uma análise mais profunda, de diferentes abordagens on-

10 “Algumas partes interessadas inclusive vão tão longe a ponto de sugerir que a era dos livros impressos está se aproximando do fim. Justificam suas alegações sugerindo que estes itens podem existir no momento presente, mas para todos os propósitos práticos eles não são do momento presente. É hora de mudar, dizem. Estes falsos profetas erram em não reconhecer como esta estranha condição temporal é dificilmente única ao nosso próprio tempo. De fato, é um dos atributos mais perenes dos livros impressos na história” (tradução livre).

tológicas, isto é, dizendo respeito à própria definição de objeto que tratam. Ainda assim, apesar da diferença manifesta e mesmo explicitada pelos autores, é preciso mencionar que o simples confronto entre as duas perspectivas só pode ser realizado do ponto de vista de um construto teórico e no presente escopo de revisão bibliográfica comparativa. Cada uma das perspectivas pode conter, no interior do desenvolvimento pelas diferentes fontes, maneiras diferentes de lidar com os aspectos que são vistos como exclusivos da vertente oposta. Mesmo autores simpáticos ao conceito da sucessão simples do livro impresso pelo livro eletrônico, por exemplo, tendem a argumentar que isso não significa que o meio anterior deixe de existir em qualquer futuro próximo. Igualmente, em autores do paradigma histórico-cultural pode ser empreendida, em alguns ensaios, uma tentativa mais quantitativa de acompanhar mudanças tecnológicas em curso que poderia, mesmo, se aproximar de um viés evolutivo. Finalmente, há autores que mencionam as diferentes perspectivas sem tomar partido ou que propõem abordagens diversas com o fim de conciliá-las, sem que sejam tomadas, a priori, como incompatibilidades fundamentais.

## Considerações finais

O comparativo entre paradigmas ontológicos para o livro eletrônico proposto neste artigo seguiu principalmente o propósito de oferecer um critério de referência básico para a triagem indispensável a qualquer revisão bibliográfica que compõe a etapa inicial de uma pesquisa na área. Como objetivo secundário, também se procurou fornecer aos interessados em aprofundar as leituras na área um ponto de partida para as consultas bibliográficas.

É útil acrescentar, como observação final, que ao agrupar de forma contrastada estes dois paradigmas não se pretendeu uma abordagem de cunho globalizante. É importante ressaltar que, mesmo dentre os autores citados, há diferentes perspectivas adotadas e adotáveis que poderiam ser perseguidas por um leitor em busca de uma compreensão mais abrangente da área.

Existem mesmo autores que rejeitem necessariamente qualquer uma das duas perspectivas e que concentram seus esforços conceituais em outro nível de compreensão. É o caso, por exemplo do pesquisador britânico John Thompson, que em seu abrangente estudo descrito no livro *Books in the Digital Age* utiliza o conceito de campos emprestado de Pierre Bourdieu para distinguir categorias dentro da indústria do livro e dimensionar as transformações pelas quais elas passam com o advento das novas tecnologias nos diversos estágios de produção.

Assim, também, outros teóricos que poderiam mesmo ser agrupados no grupo ligado ao paradigma histórico-cultural costumam ensaiar compreensões mais abrangentes. É o caso de Robert Darnton, que em *The Case for the Books*, coletânea de ensaios publicada em 2009, propõe tanto a compreensão do fenômeno da trans-

formação dos livros à luz de precedentes históricos quanto detalha sua experiência pessoal com o desenvolvimento de um projeto de publicação de livros hipertextuais, explorando as possibilidades exclusivas do meio eletrônico.

Necessariamente, em vista da complexidade do assunto envolvido quando se fala do futuro do livro ou da definição de livro eletrônico, é preciso estar pronto para um inventário de perspectivas, às vezes conflitantes e mesmo sujeitas a contradições internas. Este artigo buscou, acima de tudo, indicar uma das formas de navegação possíveis dentro deste mar de possibilidades.

## Referências

BAZIN, Patrick. Toward Metareading. In: **The future of the book**. Berkeley : University of California Press, 1996.

BIRKERTS, Sven. **The Gutenberg Elegies: the fate of reading in an electronic age**. New York : Faber and Faber, 2006.

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. ed. Brasília: UnB, 1998.

DARNTON, Robert. **The case for the books: past, present, and future**. New York: Public Affairs, 2009.

DUGUID, Paul. Material matters: the past and futurology of the book. In: **The future of the book**. Berkeley : University of California Press, 1996.

ECO, Umberto. Afterword. In: **The future of the book**. Berkeley : University of California Press, 1996.

FURTADO, José Afonso. **O papel e o pixel: do impresso ao digital: continuidades e transformações**. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.

GOMEZ, Jeff. **Print Is Dead: books in our digital age**. 8th. ed. New York: Macmillan, 2008.

HESSE, Carla. Books in Time. In: **The future of the book**. Berkeley : University of California Press, 1996.

KURZWEIL, Ray. **The age of the spiritual machines: when computers exceed human intelligence**. New York: Viking Press, 1999.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

STRIPHAS, Ted. **The Late Age of Print: everyday book culture from consumerism to control**. New York : Columbia University Press, 2009

THOMPSON, John B. **Books in the Digital Age**. Cambridge : Polity, 2008